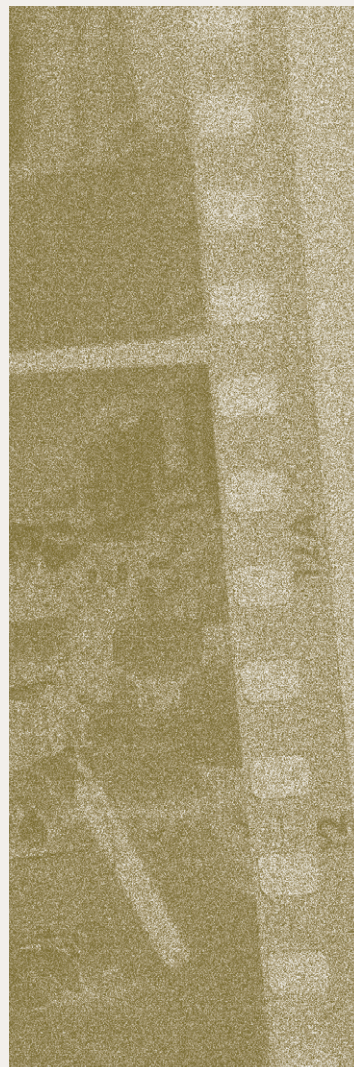


Salvador > Salvador (Remontagem na Feira de São Joaquim)

Articuladora

Sarah Passos

Arquiteta e Urbanista formada pela UFBA, mestra em Urbanismo pelo PPGAU/FAUFBA, com pesquisas voltadas a mercados públicos, feiras populares e dinâmicas socioespaciais em Salvador.



Era a primeira semana de setembro de 2024 e a Feira de São Joaquim (a maior feira livre de Salvador) completava 60 anos. Em comemoração ao aniversário, o fotógrafo Lázaro Roberto e o arquivo afro-fotográfico Zumvi realizaram uma exposição e uma projeção de imagens da feira e de seus frequentadores. As fotografias foram exibidas na galeria Lugar Comum, na sede do Sindicato dos Estivadores e em alguns bares, todos localizados dentro da própria feira.

As imagens apresentadas resultam do trabalho de Lázaro ao longo de anos na Feira de São Joaquim, especialmente na década de 1990. A curadoria da exposição foi feita pelo próprio fotógrafo, que organizou as fotografias a partir de temas como as mulheres da feira, os estivadores, as cestarias e os barcos/saveiros, dentre outros. Além das imagens impressas, dois televisores instalados em bares exibiam as fotografias ao longo dos dias. As fotos estavam organizadas cronologicamente desde as imagens mais antigas até as imagens mais recentes fotografadas por Lázaro. A exposição aconteceu entre os dias 3 e 6 de setembro, e no dia 5 de setembro por volta das 19h, uma grande projeção pública das imagens foi realizada na entrada da feira.

A história da atual Feira de São Joaquim remonta à Feira do Sete, localizada próxima ao Galpão 7 das docas de Salvador. Essa primeira feira, que existiu entre as décadas de 1920 e 1930, era móvel e abastecia principalmente a população pobre da cidade. Em 8 de abril de 1934, um incêndio proposital destruiu a Feira do Sete, forçando seus feirantes a se deslocarem para a enseada de Água de Meninos, onde nasceu uma nova feira. No entanto, essa também foi devastada por outro incêndio criminoso, ocorrido em 5 de setembro de 1964. A tragédia começou com uma explosão que destruiu cerca de 90% das barracas, e, cinco dias depois, um novo incêndio consumiu o que

restava. A ESSO Brasileira de Petróleo assumiu a responsabilidade pelo incidente apenas 20 anos depois. Com isso, os feirantes foram deslocados para a enseada de São Joaquim, onde a atual feira foi estabelecida ainda em 1964¹.

Para divulgar a exposição, o Zumvi colou lambe-lambes nas regiões do Comércio e da Calçada, arredores de São Joaquim. Esses cartazes informavam o público sobre a história da feira, exibindo imagens das três feiras: São Joaquim, Água de Meninos e Feira do Sete. Apesar da extinção dessas duas últimas, elas resistem e (re)existem através de São Joaquim, um espaço historicamente marcado por perseguições e tentativas de regulação segundo os interesses do Estado e do capital.

Ao refletir sobre as conversas que tive com Lázaro Roberto durante a montagem da exposição, percebo que, embora historicamente tratada como um espaço indigesto na cidade – algo a ser modificado ou removido –, a Feira de São Joaquim é, na verdade, um centro. Isso não apenas porque está situada no bairro do Comércio, uma área central de Salvador, mas porque desempenha um papel essencial como ponto de encontro de práticas culturais, econômicas e sociais. Esse papel é especialmente significativo no contexto das religiões afro-brasileiras e das dinâmicas de trabalho da cidade.

As fotografias da exposição promovida pelo arquivo afro-fotográfico Zumvi revelam Salvador como uma cidade negra e a feira como um território negro. Elas ajudam a construir narrativas que vão além da história oficial, muitas vezes parcial, incompleta e ancorada na branquidade. Embora os conflitos urbanos frequentemente denunciem a violência racial, eles também são espaços de afirmação e defesa da vida negra para além da sujeição.

As fotografias de Lázaro, que já haviam sido exibidas na exposição Urbanos Arquivos, ganharam novos sentidos ao serem deslocadas para a Feira de São Joaquim. Isso porque o público da exposição era formado pelos próprios feirantes, pessoas que circulam por aquelas vielas há décadas, que trabalharam ali a vida inteira, que criaram suas famílias naquele espaço e cultivaram relações de amizade com o próprio Lázaro. Muitos deles estavam nas fotografias.

Foi bonito de ver dezenas de pessoas passando diante das imagens, reconhecendo familiares, amigos e conhecidos de muitos anos atrás. Algumas delas se identificavam mais jovens nas fotos, comentavam entre si e compartilhavam suas histórias. O deslocamento das imagens para a feira reforçou a potência dessas existências, que extrapolam os projetos e processos de uma modernidade branca, colonialista e racista.

1. Para mais informações sobre a história da Feira de São Joaquim, da Feira de Água de Meninos e da Feira do Sete, recomendo as seguintes dissertações de mestrado: *Do Sete a São Joaquim: o cotidiano de “mulheres de saia” e homens em feiras soteropolitanas (1964-1973)*, de Márcia Regina da Silva Paim (2005); *Feira-casa: um estudo etnográfico sobre feirantes-moradores da Feira de São Joaquim*, de Carina A. M. G. Barbalho (2015); e *A Teia da Feira: um estudo sobre a Feira de São Joaquim, Salvador, Bahia*, de Márcio Nicory Costa Souza (2010).

60 anos entre Água de Meninos e São Joaquim: Olhares Negros



Comércio, antigo Forno de F. Fato de Lázaro Roberto, 1916.



60 anos entre Água de Meninos e São Joaquim: Olhares Negros



Foto de Água de Meninos. Foto de Paulo Negro em 1914.



CONFIRA A PROGRAMAÇÃO COMPLETA EM

O BOM
NÃO PARA!



Depo

Marcio
C. Representante legitimo

7719

Foto: Marco Botelho, 1997

Zurvi FCM

Secretaria de Cultura e Turismo

Joaquim: Olhares Negros

GOVERNO FEDERAL

BRASIL

GRATIS

BRASIL

BRASIL





COMO CITAR

PASSOS, Sarah. Salvador > Salvador. (Remontagem na Feira de São Joaquim).
RUA: Revista de Urbanismo e Arquitetura, n. 12, p. 166-171, 2025.